

ENTREVISTA

O crescimento das apostas *online* é “preocupante”. “Quanto mais jovens, mais em risco estão”

Para o psicólogo Pedro Hubert, o número de jovens portugueses a apostar *online* preocupa. Para combater o problema, é preciso criar linhas de apoio, sensibilizar jovens nas escolas e rever a legislação

Fernando Costa

24 de Março de 2023, 18:16



Pedro Hubert defende a aposta na prevenção primária para mitigar o problema do vício em apostas JOÃO SILVA

Um quinto dos jovens de 18 anos em Portugal já fez apostas *online*. Destes, 9% jogam seis ou mais horas por dia. Estas são algumas conclusões de um estudo do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) do Ministério da Saúde. Pedro Hubert (<https://www.publico.pt/2015/02/22/tecnologia/entrevista/o-vicio-do-jogo-online-e-mais-rapido-e-mais-forte-1686821>), psicólogo e técnico de aconselhamento em adições na área do jogo patológico, considera que os números (https://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/237/DDN_2021_CAD_Internet.pdf) apresentados pelo estudo demonstram um problema e defende que a solução pode passar pela prevenção primária. No entanto, não põe de parte a necessidade de haver um esforço governamental maior.

Leia os artigos que quiser, até ao fim



Com uma assinatura mensal tem acesso ilimitado a todos os

Saiba mais (<https://www.publico.pt/assinaturas?trackingId=102834100627bfde3d37ea5c3bec5652b38b3dc6ef812b392c>)

Um em cada cinco jovens de 18 anos faz apostas *online*. É um número preocupante?

Sem dúvida. Apesar de ser a idade legal para jogar, as pessoas são muito jovens (<https://www.publico.pt/2022/12/22/p3/noticia/quinto-jovens-18-anos-aposta-online-2032378>). Ainda que a maior parte dos jovens que joga não tenha predisposição, nem vá ter problemas de jogo, há aqui uma percentagem de pessoas em risco. E quanto mais jovens são, mais em risco estão. Há uma função mental de controlo dos impulsos que só está definitivamente formada lá para os 22, 23 anos.

Segundo o mesmo estudo, 9% dos jovens que apostam *online* jogam seis horas por dia ou mais.

É, de facto, muito tempo e pode preencher já um critério de diagnóstico, de perturbação de jogo (<https://www.publico.pt/2015/02/22/tecnologia/entrevista/o-vicio-do-jogo-online-e-mais-rapido-e-mais-forte-1686821>).

Quais são os critérios para considerar que um jogador tem um comportamento patológico?

Tenha 18 anos ou 30, são os mesmos. Síndrome de abstinência, ou seja, se se quer jogar e não se pode, fica-se irritado, deprimido, chateado; síndrome de tolerância, que é ir aumentando a intensidade da aposta e a quantidade de tempo que se passa a jogar; troca de prioridades, ou seja, em vez de estudar ou de trabalhar como deve ser, passar muito tempo a jogar; prejudicar relações significativas, seja com o pai, com a namorada, com os amigos; sempre que se começa a jogar, acabar por perder o controlo, dizer que se vai jogar uma hora e acabar por jogar três ou quatro, ou que se vai gastar dez euros e acabar por gastar 20 ou 30.



Há mais critérios, mas se preencher estes quatro ou cinco já se pode dizer que a pessoa tem uma perturbação de jogo ou jogo patológico.

Os rapazes com escolaridade até ao 9.º ano são os que mais referem apostar *online*. Muitos destes não trabalham, como sustentam este hábito?

Há um estudo da *Gambling Commission* (<https://www.gamblingcommission.gov.uk/news/article/2022-young-people-and-gambling-report>), feito numa população dos 11 aos 16 anos, que diz que quase 50% destes jovens que jogavam faziam-no para ganhar dinheiro e com dinheiro dado pelos pais e a convivência dos familiares. Apesar de saberem que não deviam estar a jogar por serem menores, [os familiares] deixavam-nos jogar.



Desde 2019, o número de jovens a jogar seis ou mais horas diminuiu, mas diminuiu menos em pessoas com escolaridade inferior ao ensino superior. Existe alguma relação?

O jogo (<https://www.publico.pt/industria-do-jogo>) deve ser encarado como um divertimento, como algo recreativo. E as pessoas que, se calhar, têm menos dinheiro e já trabalham muitas vezes encaram o jogo como uma forma extra de rendimento, onde até podem vir a ser profissionais e a ganhar mais dinheiro, além do ordenado. Por vezes, até ganham ao princípio, fica aquela coisa de “eu consigo ganhar, eu consigo ganhar”, e, a partir daí, pode desenvolver-se a dependência.

O que pode ser feito para contrariar este problema?

Há um esforço muito grande de prevenção primária a ser feito. Começar pelas escolas, falar que o jogo é algo recreativo, que as probabilidades estão a favor da casa, que tem de haver mais controlo dos menores e das pessoas que estão auto-excluídas. Tem de haver alguma contenção na publicidade, em especial na Internet, e deveria haver mais linhas de apoio. E mais investigação.

Está tudo por fazer, praticamente, em Portugal. Mesmo as instituições do Estado, que se esforçam por fazer muito, têm muito poucos meios para alterar isto. E seria importantíssimo rever a legislação, no sentido de atribuir mais dinheiro para mitigar o problema do jogo. Se não se fizer nada, pode vir a ser mais grave no futuro.